



Como você está se sentindo agora?

por Gustavo Mini

Um prenúncio de tempestade toma conta da cidade no fim do dia. As nuvens estão carregadas e o lixo é jogado de um lado para outro pelo vento que também forma redemoinhos junto ao meio-fio. Pó está sendo espirrado nos nossos olhos. Está um pouco mais difícil de enxergar, de respirar, de parar prá pensar. São seis da noite. De vez em quando, um folheto vem voando até as nossas mãos. Na maior parte do tempo, é publicidade barata. Mas, num dia mais iluminado, podemos ter a sorte de nos tornarmos o destino do pedaço da vida de alguém na forma de uma folha de agenda rasgada, um naco de bilhete com uma mensagem de amor ou quem sabe uma receita médica de tarja preta. Um fragmento com essa qualidade que consegue abrir caminho no meio dessa bagunça tem a propriedade de nos conectar instantaneamente com uma outra vida, com as angústias, compromissos ou amores de um outro ser.

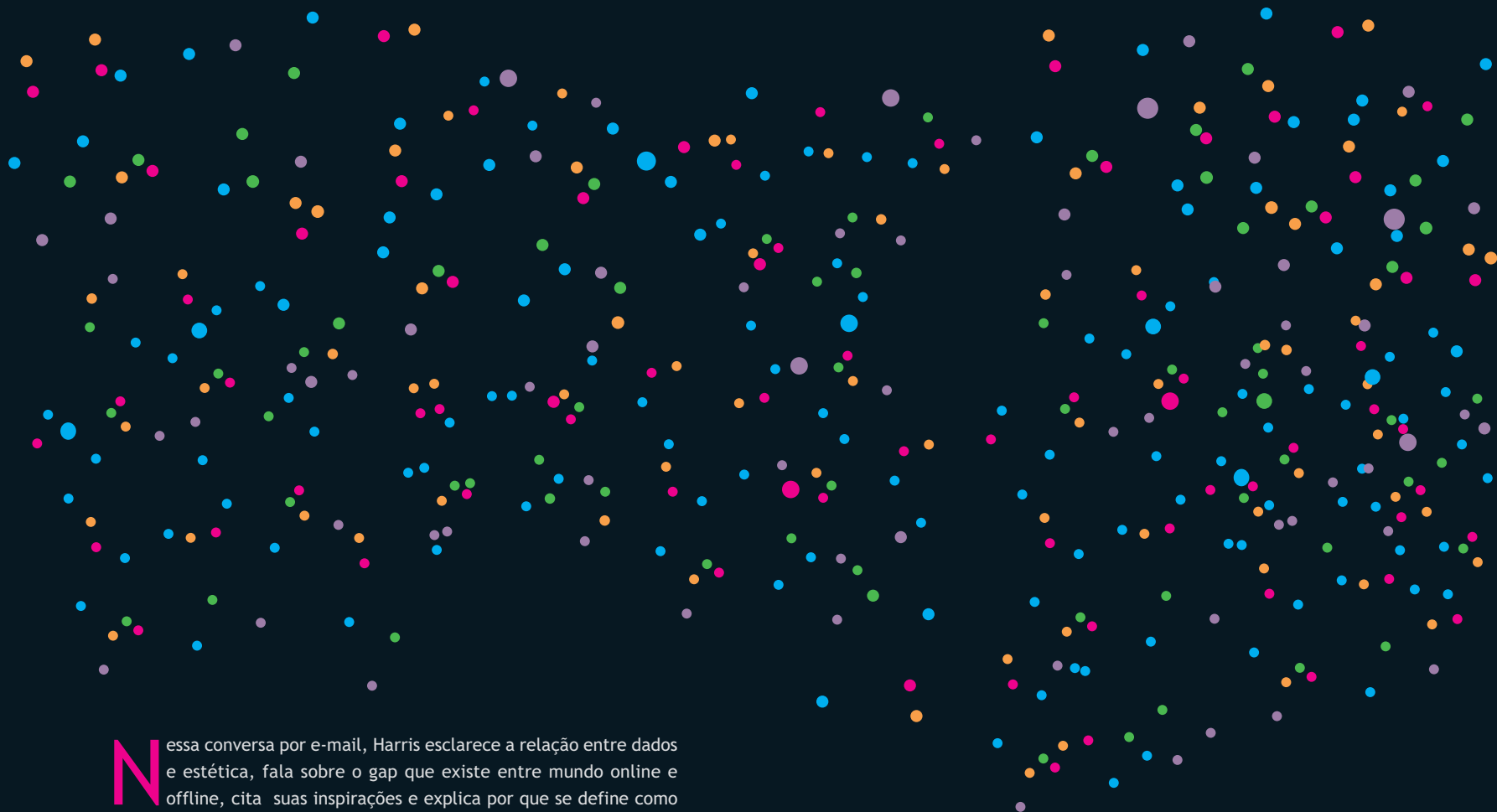
Na rua, isso acontece de forma inesperada e caótica. Na internet, o que era pra ser um acidente pode se tornar um ato deliberado de conexão humana se você digitar wefeelfine.org. Inicialmente, você será jogado em um ambiente tomado por palavras e imagens aparentemente desconexas. Mas, à medida que sua testa se franze, seus ombros se encolhem e seu corpo se debruça física e mentalmente sobre o conteúdo do site, você começa a enxergar pontinhos coloridos que dançam na tela e reagem ao seu mouse como pequenos organismos unicelulares que carregam vidas concentradas. Você clica e uma frase é destacada.

“Me dá vontade de vomitar só de tentar descobrir por que eu me sinto assim de vez em quando”, disse alguém 28 minutos atrás.

Estamos compartilhando um pouco da visão de mundo de Jonathan Harris. Mas não foi Harris que escreveu a frase aí atrás. Na verdade, junto com o Especialista em Personalização do Google, Sep Kamvar, ele criou o site que pinçou esse momento particular. O projeto de Harris e Kamvar parte de um software que rastreia a internet de dez em dez minutos, buscando em blogs frases que contenham as expressões “I feel” ou “I am feeling”. O pequeno espião poético aproveita a viagem e captura também (se houver disponível) alguma imagem e informações básicas do post como local, horário e sexo de quem escreveu. Prá terminar, ainda cruza essas informações com a previsão do tempo local.

Mesmo quando não encontra todos esses dados, “We Feel Fine” oferece interessantes recortes da realidade. Com uma frase prosaica e uma informação simples, se constroem pontes para momentos do dia de alguém que você nunca viu e nunca verá na vida. Mas que, curiosamente, podem lembrar muito de coisas dentro de você.

Jonathan Harris nasceu e cresceu na bucólica Shelburne, rodeado pelas Green Mountains e pelo Champlain Lake, encantadores acidentes geográficos que ajudam o estado de Vermont a fazer fronteira com o Canadá. Mesmo saindo de lá e passando anos estudando ciência da computação na Universidade de Princeton, Harris sempre se viu mais como um contador de histórias e um artista do que propriamente como um técnico. Na sua busca por narrar, desenvolveu websites mais humanos para setores da universidade, uma mitologia para a marca de roupas Distilled Spirit e uma revista universitária que misturava turismo com arte e literatura, combatendo a xenofobia que se instalou nos Estados Unidos após o 11 de setembro. Harris também nunca parou de tentar fazer com que interfaces gráficas amigáveis e coletas de dados convivessem harmoniosamente, tanto em projetos comerciais (Daylife.com) quanto puramente investigativos (tenbyten.org, wordcount.org, Lovelines.com).



Nessa conversa por e-mail, Harris esclarece a relação entre dados e estética, fala sobre o gap que existe entre mundo online e offline, cita suas inspirações e explica por que se define como um contador de histórias.

Mini. O que move você a fazer coisas como “We Feel Fine” e “Ten byTen”?

Harris. Há tempos que eu comecei a notar que a web, geralmente vista como um espaço frio e sem humanidade, na verdade reúne uma quantidade absurda de expressão humana. E fiquei interessado em revelar essa humanidade escondida. Desde então, a maior parte do meu trabalho envolve a análise de dados em larga escala para produzir insights a respeito do mundo humano e não do mundo dos dados.

Mini. Qual sua motivação por trás da busca de padrões humanos no meio do caos de informação?

Harris. O mundo está submerso em informação e isso pode ser sufocante. Recursos como padrões, listas e “zeitgeists” permitem que a gente gerencie um pouco melhor o caos. Além disso, padrões também podem oferecer insights a respeito de quem somos, o que nos preocupa, como nos sentimos, como nos comportamos, geralmente revelando aspectos nossos que ainda não percebemos. Isso leva a uma melhor compreensão de nós mesmos e do mundo.

Mini. Então você acha que “Human behaviour is pattern recognition”, como disse William Gibson no romance Pattern Recognition?

Harris. Numa escala maior, sim. Mas, numa escala menor, as pessoas são maravilhosamente surpreendentes.

Mini. Seu objetivo é tocar as pessoas ou apenas expressar seu ponto de vista?

Harris. Eu não tento forçar meu ponto de vista. O que faço é criar sistemas que têm limites, ainda que caóticos e abertos dentro desses limites. Dessa forma, cada pessoa que acessa meus sistemas os experimenta do seu próprio jeito.

Mini. O que você está tentando dizer com isso?

Harris. Em vez de apresentar conclusões sobre o mundo, eu estou mais interessado em produzir sistemas que levam as pessoas a desenhar suas próprias conclusões sobre o mundo.

Mini. Como você acha que isso toca as pessoas?

Harris. Eu acho que realidades tocam as pessoas. Então tento fazer com que meu trabalho reflita a realidade. Isso pode ser muito inspirador, porque a realidade é muito inspiradora.

Mini. Mas esse mapeamento que seu trabalho faz acaba sendo parcial, porque muita gente não está conectada ainda, especialmente no Terceiro Mundo. Os mapas gerados pelo We Feel Fine deixam isso muito claro. Qual a sua preocupação quanto a isso? Você acha que o padrão dos blogs reflete o padrão do mundo offline?





Harris. Não. Eles representam o mundo dos blogs, que de fato não é uma representação exata do mundo offline. Mas, no momento, é a melhor representação da realidade global que existe. Eu acredito que o mundo se torne mais conectado ao longo dos próximos anos e, na medida em que isso aconteça, acredito que o mundo online se aproxime mais da realidade offline.

Mini. Marshall McLuhan diz que “O ambiente é invisível”. A web é seu ambiente?

Harris. Não, não estou interessado na web desse jeito. Eu simplesmente uso a web porque atualmente é o melhor reflexo do mundo que eu posso encontrar.

Mini. Você tem mania de procurar padrões no seu dia-a-dia? Como uma prática pessoal?

Harris. Sim, eu vejo padrões em tudo.

Mini. Por exemplo...

Harris. Quando eu caminho pela cidade, ou ando de metrô, ou estou sentado no parque, eu sempre fico observando as pessoas, procurando por similaridades nas roupas, nas conversas, na postura, no comportamento. Às vezes isso até me atrapalha, porque em vez de aproveitar as situações eu fico analisando, procurando padrões e significados, quando geralmente o melhor é simplesmente relaxar e viver a vida. Estou tentando mudar isso.



i am not in the least bit proud of my status as a consumer in our capitalits money a god economy but it really does make me feel better to get stuff
57 mins ago / from a 26 years old male in daynton area ohio united states

Mini. Geralmente quem trabalha com padrões e dados são pessoas que não têm um interesse na interface visual. Padrões são geralmente estudados mais em disciplinas matemáticas. Mas o seu trabalho é mais visual. Como você relaciona a visão mais humana, intuitiva e visual com os padrões matemáticos?

Harris. A representação visual permite que os padrões sejam compreendidos por mais gente. Eu estou interessado em comunicar idéias da forma mais simples, lúdica e clara possível. Assim mais gente se interessa por essas idéias.

Mini. Como você separa seu trabalho pessoal do trabalho comercial? Um alimenta o outro? Como funciona?

Harris. Eu tenho tido bastante sorte nisso... Tenho sido pago para desenvolver trabalhos como Yahoo Time Capsule, Phylotaxis e Daylife, que exploram as mesmas questões do meu trabalho mais pessoal. Tenho conseguido andar sempre na mesma direção, seja por amor ou por dinheiro.





Mini. Onde você costuma trabalhar?

Harris. A maior parte do meu processo criativo acontece em parques, caminhadas, cafés, restaurantes, observando pessoas, ouvindo pessoas. Primeiro eu desenvolvo minhas idéias no papel e só sento ao computador quando estou certo do que eu quero fazer. Eu acho difícil pensar criativamente direto no computador.

Mini. Enquanto eu navegava nos seus projetos, eu tive a sensação de que as pessoas precisam se educar no seu sistema para realmente se conectar com seu trabalho. Quero dizer que não basta sair clicando por alguns segundos, abrindo páginas e escaneando o conteúdo com os olhos. É preciso ler os manifestos, entender o que está por trás e se acostumar com a ferramenta. É quase como se a pessoa tivesse que imitar o seu jeito de pensar. Por que isso?

Harris. As pessoas desenvolveram um tempo de atenção muito curto na internet, então geralmente elas esperam tirar conclusões a respeito do que elas vêem em poucos segundos. Mas meu trabalho não se parece com nada que elas viram antes, então leva algum tempo até você se orientar. Isso é normal. Eu luto para produzir trabalhos que são, como diz Golan Levin, “instantâneos no reconhecimento e infinitos no potencial de maestria”. Por exemplo, o piano e o pincel: são ferramentas que uma criança pode pegar e usar, mas que um virtuose vai passar sua vida inteira tentando dominar. Além disso, eu não quero que meus trabalhos recebam a mesma atenção superficial

que recebe um vídeo no You Tube. Eles demandam mais de quem entra em contato com eles, mas por outro lado também oferecem muito mais. Há muitas sutilezas, muitas camadas, há reentrâncias e fissuras a serem exploradas.

Mini. Quem inspirou e quem ainda inspira você?

Harris. Bob Dylan, Tibor Kalman, Hayao Miyazaki.

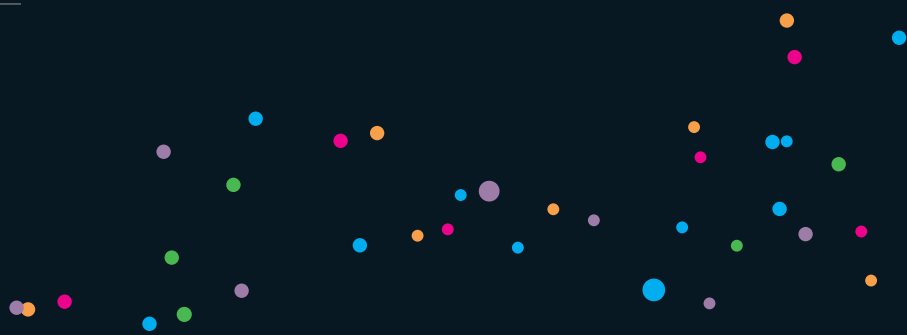
Mini. Eu vi que você já viajou bastante. Em que cidade você adoraria viver?

Harris. Eu sou um garoto do campo. Eu vivo em Nova Iorque agora, mas nasci em Vermont e espero me mudar de volta prá lá algum dia. Eu também adoraria morar numa casinha no morro no sul da França, com uma esposa maravilhosa (ainda estou à procura!), onde a gente pode trabalhar todos os dias, cozinhar toda noite e conversar sobre tudo bebendo um bom vinho tinto.

Mini. Por que você se considera um “contador de histórias”?

Harris. Histórias são, em última instância, sobre ajudar as pessoas a enxergar suas similaridades em vez das diferenças. E meus trabalhos tentam ilustrar as similaridades que existem no mundo - todos nós amamos ou ficamos tristes de vez em quando, todos acreditamos em alguma coisa. Quando as pessoas começam a pensar dessa forma sobre seus vizinhos do outro lado da rua e do outro lado do mundo, o sentimento de “estrangeiro” se dissipa e um âmbito comum emerge. E eu acho que esse âmbito comum, que se alcança contando histórias, é a melhor esperança que temos para o futuro. ◀

▶ www.wefeelfine.org



► Recortes de realidade

Grande parte da beleza de “We Feel Fine” está em colher dados matemáticos e fazê-los brotar na tela sob a forma de uma animação lúdica, formada por pequenos objetos geométricos coloridos dançando no melhor estilo “poderia ser alguma coisa do Flaming Lips”. A colisão de matemática com estética surge no trabalho de Harris como resultado de seus interesses pessoais (que misturam computação, exploração geográfica e humana do mundo, belas artes e contar histórias), mas se alinha com toda uma tendência atual de encontrar beleza na organização de dados.

O blog Infosthetics (<http://infosthetics.com>) é um dos pontos de conexão mais interessantes para quem costuma retirar mais informação do desenho dos gráficos do que do papo furado que os acompanha. Mantido pelo belga Andre Vande Moere, professor-assistente de Design Computing na Universidade de Sidney, os posts do Infosthetics reúnem periodicamente novidades em visualização de dados com a informalidade que um blog permite. Isso significa textos concisos e muitas vezes bem humorados, além da correlação de assuntos próximos, como videoclips inspirados em infográficos e outras áreas de arte eletrônica. Se você curtiu o assunto da matéria, o Infosthetics é um bom ponto de partida para mergulhar nesse curioso mundo.

Outra dica interessante é o projeto The Dumpster, de Golan Levin. Usando recursos parecidos com os do We Feel Fine, The Dumpster rastreia blogs de jovens americanos em busca de posts que revelem um dos pontos de maior concentração de energia na adolescência: tomar um pé na bunda do namorado ou da namorada, “being dumped”. A interface gráfica chega a ser bem humorada: os posts que revelam o pé na bunda são traduzidos em bolinhas que “caem” o tempo todo, uma referência ao “dumped”, que pode ser traduzido por ser “jogado fora”.

Já o tênis Onitsuka Tiger aproveitou a onda e lançou o site madeofjapan.com, no qual mostra seus modelos de tênis construídos com fotos que tenham alguma coisa a ver com o Japão capturadas em sites e blogs.

Na outra ponta do espectro, está o Week In Review (<http://www.weekinreview.org/>), criado em Los Angeles e que traduz cada semana em uma folha de papel preenchida com impressões trocadas por qualquer que se disponha a aparecer no bar onde os participantes se encontram. O resultado parece mais o desenho de uma criança do ensino fundamental, mas não deixa de trazer um insight poderoso: meia dúzia de canetinhas e uma mesa de bar são a essência da web 2.0. ◀



► Alguns projetos de Harris

► universe.daylife.com - O projeto mais recente de Harris parte de representações gráficas de constelações astrais para reunir imagens, textos e frases capturadas dos sites de notícias globais. O objetivo de Universe é determinar uma espécie de mitologia relacionando as pessoas e temas mais citados nas notícias com a idéia de mitos sendo contados no céu. Ambicioso e um tanto quanto complexo de navegar, mas faz pensar bastante sobre o peso real das figuras preponderantes na mídia mundial.

► tenbyten.org - O mecanismo de busca de 10x10 coleta as cem imagens mais representativas dos sites de notícias e as transforma em um grid de dez por dez fotos. Forma, assim, um instigante panorama visual diário da situação do planeta Terra visto sob a ótica do jornalismo na web.

► wordcount.org - Esse site parte do database do British National Corpus, uma compilação de cem milhões de palavras em língua inglesa do século XX coletadas das mais diferentes fontes. O Wordcount seleciona as 86.800 mais usadas e as coloca em ordem de uso em uma linha única horizontal. O mais legal é que você pode pesquisar palavras e descobrir seqüências que formam frases curiosas como “SEX CLAIMED ORGANIZATION HOLDING” ou “RAP TUMMY MONTREAL DECORATIONS”.

► oralfix.com - Não é propriamente uma investigação artística na web, mas uma incursão de Harris e dois amigos no mundo das pastilhas refrescantes. Segundo ele, o objetivo era simplesmente pegar um produto comum do dia-a-dia e torná-lo mais bonito e mais interessante.

► number27.org - O site que compila todos os trabalhos de Jonathan Harris. Você pode ficar dias lá. Você vai ficar dias lá. ◀